

A FIDELIDADE DE DEUS

Olhando para as ruínas de Jerusalém, Jeremias é tomado de dor. Contudo, ele vê evidência de que Deus mantém a verdade e a aliança para sempre e de modo nenhum abandonará as obras de suas mãos. Um remanescente foi poupado. O profeta vê que Deus não jogou fora o seu povo nem se esqueceu de ser gracioso (cf. Sl 77.5-9). Um novo dia virá e, com ele, novas misericórdias para aqueles que esperam no Senhor.

A fidelidade de Deus é a manifestação externa de seu ser eterno e imutável, de sua sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade. Podemos confiar no que ele diz. O que ele promete pode ser visto e obtido. Todas as suas obras são feitas em sabedoria e amor. Por isso Davi nos exorta: “Confiai nele, ó povo, em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio” (Sl 62.8).

A verdade está no coração da ideia bíblica de fidelidade. Os doutores de Westminster arraigaram a autoridade da Escritura “somente em Deus (a mesma verdade) que é o seu autor” (*Confissão de Westminster*, I.4).

Grande parte da Bíblia é história mostrando que Deus cumpre a sua Palavra, abençoando como prometeu abençoar, punindo o que ameaçou punir, enviando juízo sobre pessoas ímpias que não se arrependem e salvando aquelas que clamam a ele por salvação e vida. Central para essa história de fidelidade divina é a promessa de um Salvador (Gn 3.15), que foi confirmada pelos profetas e cumprida na vinda de Cristo, o Senhor (Lc 1.54-55,68-75).

No paganismo, os deuses eram vistos como excêntricos e interesseiros. Seu favor tinha de ser adquirido mediante votos e sacrifícios de todos os tipos, e eles não eram confiáveis, visto que a sua própria conduta era vista como amoral, se não imoral. Eles seguiam as paixões de seu coração; cometiam crimes cruéis de assassinato, adultério e estupro; tinham favoritos entre os filhos dos homens; e irrompiam em fúria cega se os seus desejos fossem contrariados. Eram muito temidos, jamais amados e ninguém confiava neles.

Moisés proclama uma visão muito diferente de Deus, registrando as tratativas fiéis do Senhor com Abraão e sua descendência ao cumprir a aliança ao longo de muitas gerações. Invocando o mesmo registro da fidelidade divina, Malaquias proclama estas palavras de Deus: “(...) eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (Ml 3.6). A carta aos Hebreus, da mesma forma, exalta “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (13.8).

Os cristãos erram ao lidar com a fidelidade de Deus pelo menos de duas maneiras: uma é considerar as promessas de Deus como garantidas, como se nada fosse exigido de nós na aliança. Todas as promessas de Deus são feitas para “a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6). Assim, Davi declara que “a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos, para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem” (Sl 103.17-18). Devemos nos agarrar a esse Deus e confiar nele com todo o coração, alma, mente e força, abandonando o mundo, crucificando a velha natureza e andando em uma vida nova e piedosa (cf. a Forma Reformada Holandesa para a administração do batismo).

O outro erro é limitar a fidelidade de Deus apenas às coisas que vemos como agradáveis. Isso é menosprezar “a correção que vem do Senhor” (Hb 12.5-6). As cruzes que carregamos nesta vida não vêm por acaso, mas pela mão paterna de Deus (v. 7-13). “Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra” (Sl 34.19). Coisas desagradáveis acontecem aos crentes como parte da vontade de Deus para aqueles que o amam e são chamados segundo o seu propósito em Cristo, e nada pode separá-los do amor de Deus (Rm 8.28-29,38-39).

Bíblia de Estudo Herança Reformada